

Na Boca do Tapete



Carlos Cortez

CARLOS CORTEZ (AUTOR) . AMANDA
FERNANDESROSA BUENO (ILUSTRADORA)
NA BOCA DO TAPETE . ISBN: 978-65-
81033-86-6 .

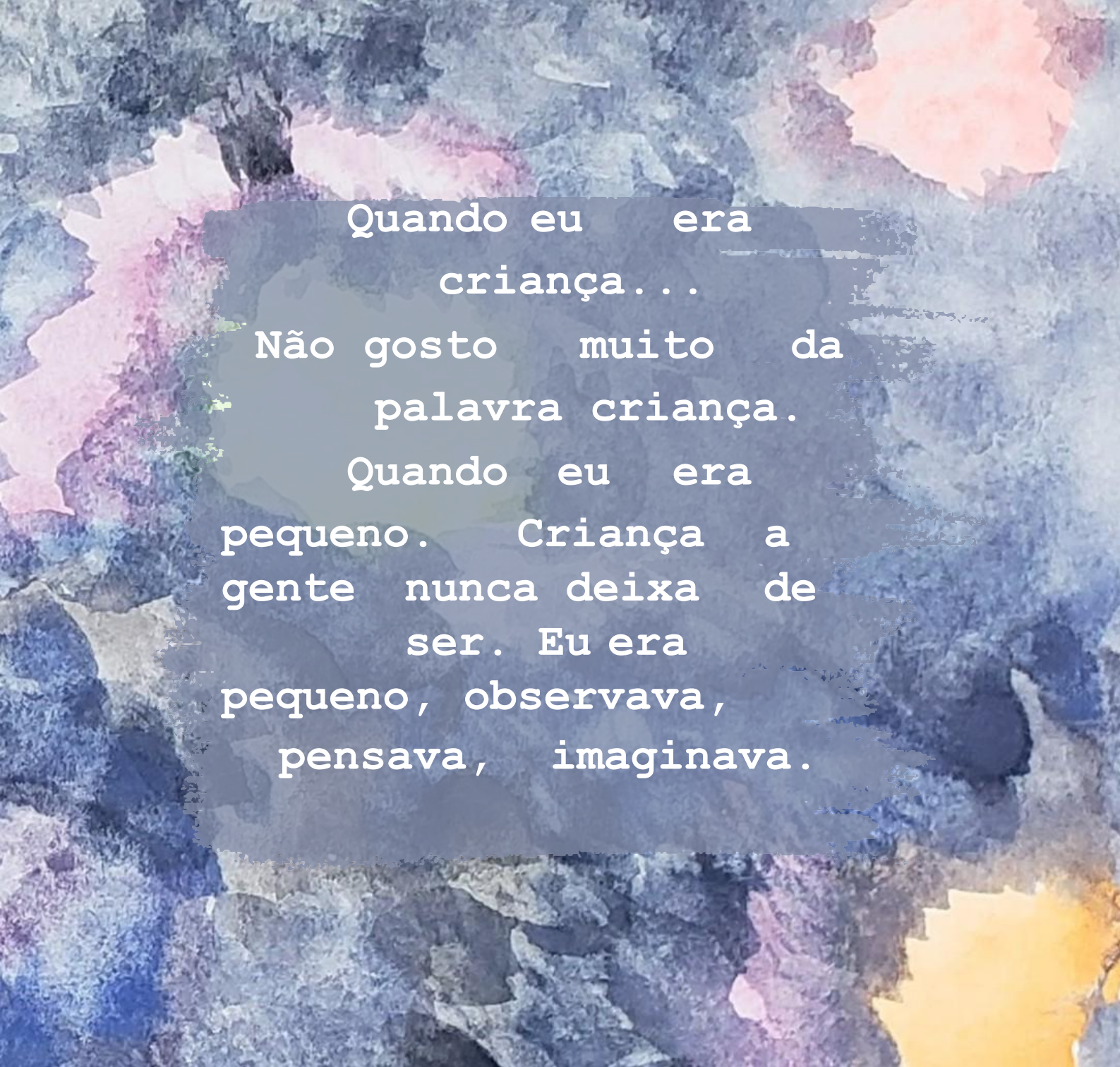
BAURU: GRADUS EDITORA: 2026 .

Na Boca do Tapete

Carlos Cortez



Ilustrações:
Amanda F. R. Bueno



Quando eu era
criança...

Não gosto muito da
palavra criança.

Quando eu era
pequeno. Criança a
gente nunca deixa de
ser. Eu era
pequeno, observava,
pensava, imaginava.



A pair of sunglasses with dark lenses and a light-colored frame is positioned in the upper right corner. Below it, a crumpled piece of light-colored paper or fabric lies on the surface, with the words "Xime de" printed on it. The central text "Onde não tinha coisas," is superimposed over the background.

Onde não tinha coisas,



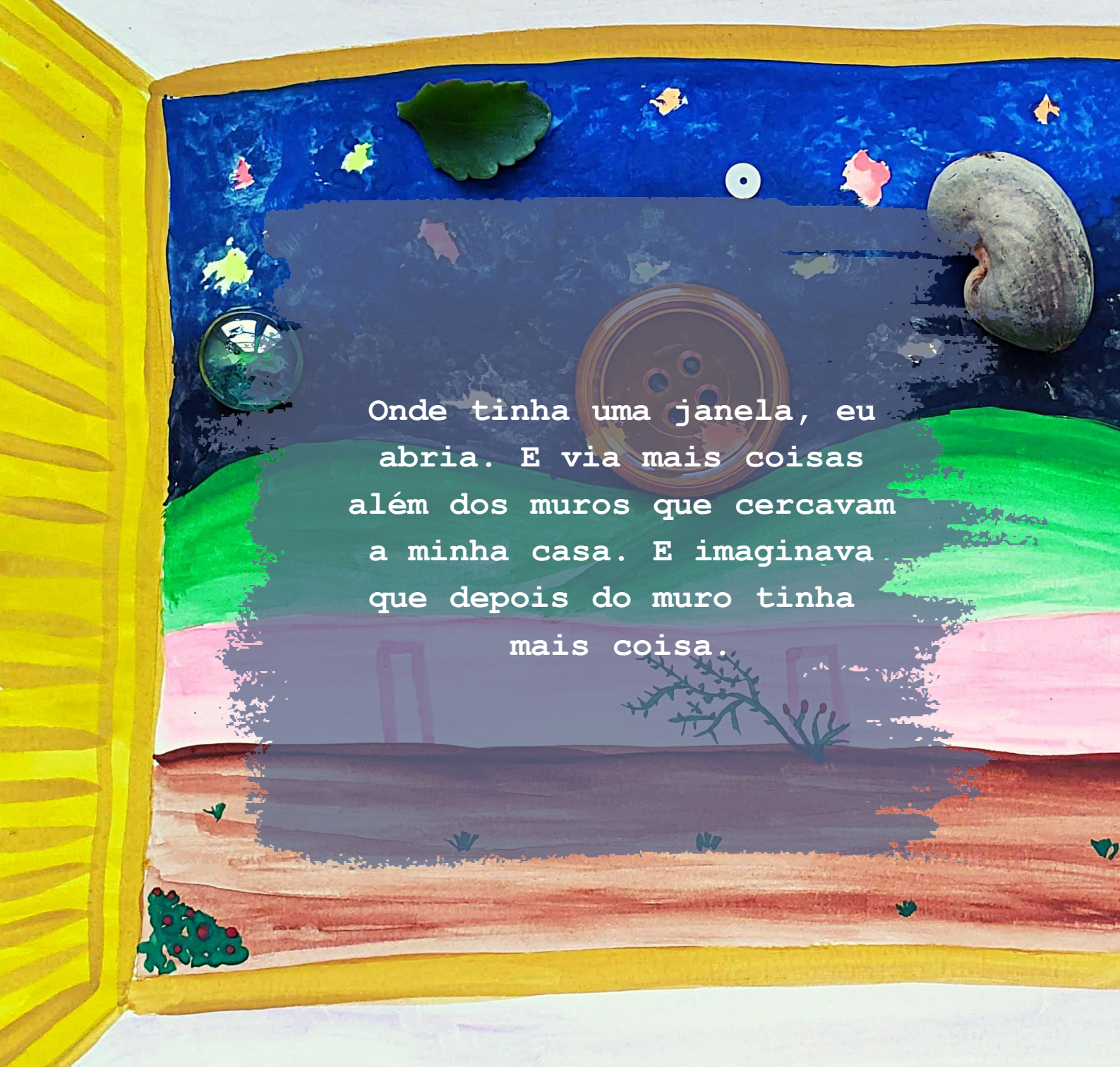
eu criava coisas.



eu criava coisas.

Onde tinha parede, eu fazia um quadro.





Onde tinha uma janela, eu
abria. E via mais coisas
além dos muros que cercavam
a minha casa. E imaginava
que depois do muro tinha
mais coisa.



E assim sucessivamente, tentando chegar
não aos confins deste universo que se
estendia, mas eu tentava chegar aos
confins do que eu tinha dentro da minha
cabeça, porque era lá que encontrava
essas coisas que depois eu
colocavamos no quadro, na janela,
no horizonte, no espelho, na
parede.



E gostava de sentar na beira da cama da
minha mãe. Uma cama alta para o meu
tamanho pequeno. E eu balançava os pés, as
pernas, eu acho que até o corpo inteiro. E a
observava sair do banho, um penhoar branco,
ou um roupão branco.



Sentava em frente ao espelho, na
penteadeira, penteava os cabelos, que
nunca foram muito compridos. Nunca conheci
minha mãe de cabelos compridos. A conheci
de cabelos curtos. Ela penteava, se
arrumava, empoava o rosto e colocava
alguns adereços: um brinco, um anel, uma
aliança eterna, dela.



E eu imaginava que essas pulseiras,
esses colares, alguns tinham
formato de asas, talvez aves ou
borboletas, ou
pétalas, que também são asas porque
soltam perfume e voam. Então também são
asas. As pétalas também são asas. Eu
imaginava, olhando para a minha mãe. Era
a melhor paisagem que poderia ter, em
qualquer canto do meu interior, da minha
cabeça. Era a paisagem que se iluminava
todos os dias ao acordar.



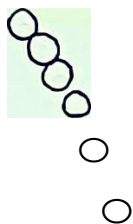
Então eu imaginava assim:esses colares,
esses brincos, essas pulseiras com
pétalas, ou asas, faziam ela voar.
Algumas vezes eu ficava apreensivo se
essa montoeira de asas poderia levar
ela para longe de mim.



Quando acontecia isso, eu parava de
balançar as pernas para não criar vento
que pudesse mexer as asas das borboletas
do colar.



Então aí eu falava: tomara que esse brinco
arrebente, tomara que o colar caia, tomara
que o anel caia.



Que caia no tapete. Porque ela mesmo, quando brincava comigo, que perdia alguma coisa, falava: "No mínimo caiu no tapete, porque o tapete é onde se perdem as coisas. Tudo se perde no tapete."



Eu imaginava que o tapete tinha boca.
Tinha uns baús, onde escondia essas
coisas, porque a gente não as
encontrava.



Quando alguma coisa caia no tapete,
automaticamente se camuflava. Ou o tapete
as camuflava para não devolvê-las e
brincar comigo.



Mas depois, quando parava de procurar,
misteriosamente o que caia no tapete,
aparecia. Enxergava, recolhia, e colocava na
penteadeira da minha mãe. Eu
via as asas batendo nos colares e
novamente queria que se perdessem no
tapete.



E assim a boca do tapete ia engolir e ela não bateria as asas para longe de mim.

